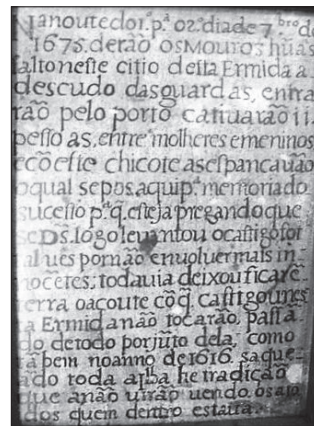


Apoio: Direção Regional da Cultura Entidade Promotora: Cresaçor Entidades Parceiras: Instituto Cultural de Ponta Delgada | Instituto Histórico da Ilha Terceira | Núcleo Cultural da Horta Conselho Editorial: Pedro Pascoal de Melo Conselho de Redação: Pedro Pascoal de Melo, Célia Pereira, Marta Bretão e Guilherme Pinto de Sousa

A Ermida de N.ª S.ª dos Anjos e a Irmandade dos Escravos da Cadeinha



Fundada ainda no século XV, aquando do povoamento da ilha de Santa Maria, a ermida de N.ª S.ª dos Anjos é a mais antiga edificação religiosa dos Açores. Terá sido erguida cerca de 1439 (data da primeira missa), tendo sido originalmente em madeira e depois em alvenaria de pedra, datando esta reconstrução das décadas de 1460 ou 1470. O Infante D. Henrique menciona-a no seu testamento, datado de 1460, onde refere que «ordenei e estabeleci [...] a igreja de Santa Maria na ilha de Santa Maria». Aqui assistiu a tripulação de Cristovão Colombo, em 1493, na viagem de regresso do descobrimento da América, a uma missa em ação de graças. Ao longo da sua existência foi objeto de várias reconstruções, sendo uma das últimas assinalada por uma lápide na fachada lateral, onde se lê «RECTIFICADA/EM/1893».

É uma edificação de planta retangular, de nave única e com o corpo da sacristia adossado à empena lateral esquerda, sendo rodeada por um adro murado. É sobre o muro deste, e na frente da ermida, que se encontra implantada o campanário sineiro isolado. No tardoz da ermida, e encostado à empena fundeira desta, foi erguido um «treato» do Espírito Santo.

No interior, o altar-mor ostenta uma imagem de N.ª S.ª dos Anjos, esculpida em cedro, da autoria de frei Manuel de São Domingos; um tríptico, representando no painel principal a Sagrada Família e nos volantes laterais São Cosme e São Damião, pintado sobre madeira de cedro; e, ainda, um frontal de azulejos policromos, a imitar um paramento de tecido, do tipo «aves e ramagens». Estas peças datarão da segunda metade do século 17, e serão coevas das obras de requalificação feitas na ermida em meados da década de 1670. Na ermida, junto ao púlpito, pode também ver-se um chicote, usado por piratas argelinos para fustigarem os habitantes da ilha, por ocasião do saque que a esta realizaram em 1675. Uma inscrição, pintada sobre madeira, relembra o acontecimento:

«Na noite do 1.º para o 2.º dia de Setembro de/ 1675, deram os mouros um as/salto neste sítio deste Ermida a/ descudo das guardas, entra/ram pelo porto cativaram 11/ pessoas, entre mulheres e meninos,/ e com este chicote as espancavam/ o qual se pôs aqui para memória do/ sucesso para que esteja pregando que/ se Deus logo levantou castigo foi/ talvez por não envolver mais in/

ocentes; todavia deixou ficar em/ terra o açoute com que castigou. Nes/ta Ermida não tocaram, passan/do de todo por junto dela; como também no ano de 1616 saquea/ram toda a ilha, é tradição/ que a não viram vendo-os a to/dos quem dentro estava».

A ilha de Santa Maria, bem como outras do arquipélago dos Açores, sofreu frequentes ataques dos piratas e corsários que assolaram o Atlântico entre os séculos 16 e 18. Terá sido na sequência de um destes ataques que foi fundada a Irmandade dos Escravos da Cadeinha, por iniciativa de frei Gonçalo de São José, irmão franciscano do convento de N.ª S.ª da Vitória, de Vila do Porto, que recebeu confirmação emitida pelo bispo de Angra em 1675.

Os seus membros, ou «irmãos», deviam ser cidadãos livres, homens ou mulheres, de inferente estatuto social, mas que vivessem à lei da Igreja. Por identificação ostentavam uma pequena cadeia de metal, que lhe era imposta em cerimónia realizada na ermida, após se terem confessado e comungado. A cadeia evocava o cativo que muitos haviam padecido em terras infiéis, e ao qual alguns tinham conseguido escapar – por terem sido resgatados ou por meio de fuga – e regressar à ilha natal.

A irmandade tinha a seu cargo a manutenção da ermida, a celebração de missas sufragando a alma daqueles que tinham morrido em cativo ou dos irmãos defuntos, bem como a obrigação da realização anual de uma procissão em honra da Virgem Maria sua padroeira. Originalmente a festa realizava-se a 15 de agosto, mas foi transferida para o 2.º domingo de outubro, por ser «dia mais conveniente e desimpedido de eiras e vindimas, para que todos os devotos pudessem concorrer à dita festa».

Nas traseiras da ermida de N.ª S.ª dos Anjos, no alto de uma encosta, ergue-se um cruzeiro em pedra, que a tradição popular associa a uma história: a «lenda do cruzeiro». Esta lembra o desacordo entre a população e as autoridades religiosas sobre o lugar a edificar a ermida, pois aquela desejava-a no sítio onde hoje está e estas o local do cruzeiro; e o milagre que se produziu, em que as pedras que de dia eram colocadas no cimo da encosta para a construção, durante a noite rolavam misteriosamente ladeira abaixo até ao local escolhido pelo povo. Mais recentemente, em 1993, foi colocada nas traseiras da ermida um estátua de Cristovão Colombo, da autoria do escultor Álvaro Raposo de

França, celebrando a histórica missa em ação de graças e a visita deste à ilha, A ermida encontra-se classificada como Imóvel de Interesse Público, pela Resolução nº 58, de 17 de maio de 2001.

PEDRO PASCOAL DE MELO
Instituto Cultural
de Ponta Delgada



Governo dos Açores
SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E CULTURA
Direção Regional da Cultura

INFORMAÇÃO ÚTIL

LOCALIZAÇÃO:

Lugar dos Anjos,
Vila do Porto,
ilha de S. Maria

COORDENADAS GPS:

37°00'21"N – 25°09'12"O

OUTROS LOCAIS DE INTERESSE NAS REDONDEZAS:

Reserva Natural da Baía dos Anjos;
Igreja de São Pedro (séc. XVIII);
Ermida de N.ª S.ª do Pilar (séc. XVIII);
Quinta dos Figueiredos (séc. XVIII/XIX).